

Bancos prevêem *vacas magras* com sucessão

São Paulo — O sistema bancário de um modo geral vai passar os próximos meses preparando a reestruturação de sua estratégia de atividade, de modo o readequá-lo para atuar em uma economia estabilizada e com níveis de inflação bem mais baixos do que o atual. Sem inflação, os bancos, todos eles, perderão boa parte das receitas provenientes das remunerações do fluxo de recursos que transitam no sistema, provocando um amplo processo de ajuste, que comportará sacrifícios, principalmente se houver enxugamento de funcionários. As conclusões fazem parte de documento preparado pela Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), apontando as perspectivas do sistema financeiro a partir da mudança de Governo, em março do ano que vem.

Os banqueiros consideram que o País irá viver uma nova fase econômica a partir da posse de um Governo eleito diretamente pelo povo. Haverá as condições necessárias de se desenvolver um pacote de medidas que promoverá redução drástica da inflação. Para preparar o sistema finan-

ceiro a esse novo cenário, a Febraban organizou um amplo debate entre os banqueiros brasileiros e representantes dos bancos do exterior, que se reuniram em um amplo seminário em São Paulo. As conclusões são realistas e mostram que os bancos vão passar a viver uma nova realidade, a partir da posse do Governo.

O trabalho preparado pela Febraban, e assinado por Roberto de Almeida, diretor da entidade e do Banco Mercantil de Crédito (BMC), vai direto ao ponto, sem meias palavras. "A prestação de serviços responde por cerca de um terço dos custos, administrativos dos bancos", afirma Almeida. "Os bancos se supradimensionaram para essa prestação de serviços, criando uma rede de agências incompatível com um ambiente de estabilidade econômica e de inflação baixa". Num cenário de estabilidade, os bancos terão sua rentabilidade diminuída e os seus clientes procurarão outras opções de atendimento, no momento em que o sistema financeiro passar a cobrar as tarifas reais. "Assim, os bancos perderão re-

ceita, mas continuarão com os mesmos custos administrativos".

Segundo o estudo da Febraban, os bancos varejistas serão aqueles que mais sofrerão diante da nova realidade. Um novo ajuste terá de ser feito, mas existem obstáculos nesse processo. Almeida considera que haverá dificuldades para recontração de serviços bancários por parte do poder público, por má vontade e também por dificuldades concretas como falta de verbas orçamentárias. "Os bancos, além disso, poderão não ter a mesma facilidade da época do ajuste no Plano Cruzado para fechar agências, fundir órgãos internos e desligar funcionários", afirma Almeida. "O crescimento da indústria e do comércio naquele período permitiu a absorção, semi traumas, dos bancários desligados. Na nova conjuntura, tais facilidades não se repetirão".

Existe também o aumento da concorrência no sistema bancário, com o surgimento de dezenas de novas instituições, mais leves e, portanto, podendo cobrar menos *spread* dos clientes.